

A RESISTÊNCIA DA CULTURA AFRICANA NOS RITUAIS DE CANDOMBLÉ KETU

Watusi Virgínia Santiago Soares*
Faculdade Alfredo Nasser
watusisantiago@gmail.com

Palavras-Chave – resistência – Candomblé - Iorubá

INTRODUÇÃO

Apesar dos primeiros reinos africanos terem surgido a mais de 5 mil anos, a história africana é algo que vem sendo recontada, longe da parcialidade europeia, a pouquíssimo tempo. Tendo em vista que os processos de descolonização datam do meio do século XX para a maioria dos países africanos, a produção de pesquisas sobre África pré-colonização já é extensa.

No Brasil, Kabengele Munanga apresenta uma importante realidade. Embora pelo menos 45% dos brasileiros/as tenham ancestrais africanos/as, a África permanece até hoje, mal e menos compreendida do que os outros continentes que deram origem ao povo brasileiro. (IYAKEMI, Prefácio, 1996) Essa deficiência é decorrente de inúmeras construções discriminatórias a cerca do continente que foi se consolidando no seio da sociedade ocidental.

O povo Iorubá, através de organizações religiosas manteve ligação, primeiramente espiritual e posteriormente física com as viagens de volta, com o continente africano. Ainda hoje, inserido em uma nova lógica, os terreiros de candomblé se encontram na vanguarda pela resistência da cultura africana e afro brasileira. Mesmo com os escassos incentivos do Estado, continuam mantendo uma relação muito próxima das comunidades onde estão inseridos realizando projetos sociais que se remetem a valorização e resgate da cultura afro brasileira.

O CANDOMBLÉ KETU COMO PRODUTO DA RESISTENCIA DO POVO IORUBÁ

As mídias de massa divulgam e constroem informações equivocadas que podem ser encontrados também, em muitos livros, alguns com indiscutível importância para a historiografia e que tiveram grande contribuição ao seu tempo, mas que estereotipam o continente colocando o povo africano como meros participantes da história europeia, ou resumem a história africana a um conjunto de “catástrofes ecológicas” que geraram a fome que se instaurou no continente como praga incurável, sobretudo a partir de 1500.

Como resultado da construção pejorativa da cultura africana e de seu legado é que, longe dos terreiros de candomblé, o termo lorubá ou mesmo Nagô, como é mais encontrado, é amplamente desconhecido muito aquém da significativa contribuição desse grupo étnico na construção da cultura brasileira. É importante saber que o termo lorubá designa não só um grupo étnico-linguístico porém, uma complexo cultural que compreende muitos milhões de sujeitos que dentro de sua diversidade são remanescentes de uma mesmo mito de criação com Odudua em Ilê-Ifé.

A partir do século XV o papel da África para a Europa deixa de significar apenas o ouro, as especiarias e a possibilidade de expansão do cristianismo. O acesso aos imensos recursos das Américas e o aniquilamento das populações indígenas por ocasião da própria conquista e as doenças trazidas nas embarcações junto com os colonizadores europeus, a expansão portuguesa leva para o velho continente a possibilidade de conseguir naquelas terras mão de obra escrava para explorar a recente conquista europeia.

A partir de 1502 os/as africanos/as foram introduzidos/as nas Américas. No Brasil, o primeiro contingente desembarcou em São Vicente em 1549, na gênese da migração forçada pelo Atlântico. Para alguns historiadores esses não teriam sido os primeiros africanos a chegar, Fernando de Noronha em 1511 já trariam alguns em sua nau.

É nesse contexto de exploração máxima da mão de obra escrava como modo de produção basilar que os/as negros/as estabelecem inegável influência

na musica, língua, artes, economia, alimentação, religião, ou seja, diversos âmbitos da sociedade brasileira.

Com mais de dois século de existência os terreiros de candomblé mantiveram vivas as rezas e cânticos em iorubá, os rituais de iniciação àquelas/àqueles que se dispõem a viver como veiculo dos/as Orixás. Manteve vivo todo um complexo cultural que está intrinsecamente ligado a capacidade de resistência do povo negro desde o período colonial até os dias atuais(SANTOS pag. 53, 2008)

CONCLUSÃO

O Estado, através da polícia, promoveu os terreiros de candomblé, a categoria de conspiração e rebeldia social, o que não deixava de ser. O candomblé era, e ainda é, responsável por novas estratégias de ascensão social, com compra de alforrias; mantendo relações entre brancos/as de prestígio e negros/as pobres; disputas, e em muitos casos superação, da práticas de cura da igreja católica e da medicina oficial que buscava sua hegemonia dentre todas as formas de conhecimentos, entre outras. Essa comunidades religiosas é que constituíram de fato um foco de resistência da cultural afro brasileira.

As investidas das bancadas fundamentalistas no congresso com medidas a nível municipal e estadual que proíbem o uso dos atabaques ou eu proíbem o sacrifício de animais nas cerimônias religiosas demonstram que ainda não se reconhece a importância da preservação da herança africana.

Em épocas de “ composição e recomposição de identidades, individuais e coletivas” (NEGRÃO pag.357, 2009) repensar a participação de cada grupo étnico na composição da cultura brasileira é emergencial. Para isso tem crescido por parte do governo Federal incentivo para melhor conhecimento da cultura afro brasileira e sobrevivência da mesma.

Ações como a Lei 10.639/03 que inclui nos currículos estudo de história da África e cultura afro brasileira, mesmo com deficiências de implementação, favorecem a desconstrução de conceitos negativos sobre as religiões de matriz africana e incorporam na sociedade uma nova visão sobre a cultura afro

brasileira.

Referencias

BOAHEN, Albert Adu, Historia Geral da África: África sob dominação colônia, 1880-1935-2.ed.-São Paulo: Cortez; Brasília:UNESCO,2011.

CAMURÇA,Marcelo Ayres,A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000In:AS religiões no Brasil – Continuidade e rupturas-1.ed.Petropolis:Vozes,2006.

FAUSTO, Boris, Historia Concisa do Brasil-2.ed.São Paulo:EdUSP,2010.

GAARDER,Jostein HILLEM Victor,NOTAKER,Henry - O livro das religiões - São Pulo:Companhia das Letras,2000.

GARCIA, Januário, 25 Anos do Movimento Negro no Brasil-2.ed.Brasilia:Fundação Palmares,2008.

GORENDER, Jacob,O escravismo colonial.4ed.São Paulo:Ática,2001.

HERNANDEZ,Leila Leite- A África na sala de aula: Visita à historia contemporânea – São Paulo: Selo Negro,2005.

IYAKEMI,Ronilda Ribeiro-Alma Africana No Brasil – Os iorubas-1.ed.São Paulo:Oduduwa,1996.

KI-ZERBO,Joseph - Historia Geral da África-2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília:UNESCO,2011.

MAZRUI,Ali- Historia Geral da África: África desde 1935-2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília:UNESCO,2011.

NEGRÃO,Lísias Nogueira - Novas Tramas do Sagrado:Trajectoria e Multiplicidades - São Paulo:Edusp,2009.

OGOT, Bethwell Allan,África do século XVI ao XVIII-2.ed.-São Paulo: Cortez; Brasília:UNESCO,2011.

PRANDI, R. Segredo Guardados: Orixás na alma Brsasileira.São Paulo,Companhia das letras,2005.

PRADO JUNIOR, Caio, Formação do Brasil Contemporâneo - 23.ed. Brasiliense, 2008.

RODRIGUES, Nina – Os Africanos no Brasil. São Paulo: Nacional, 1976

SANT'ANNA, Marcia – Escravidão no Brasil terreiros de Candomblé e resistência cultural do povo negro. Artigo

SANTOS, Juana Elbein Os Nàgô e a morte: Padè, Àsèsè e o culto a Égun na Bahia. 13ed. – Petrópolis, Vozes, 2008.

SILVA, Alberto da Costa-África explicada aos meus filhos-1.ed.-Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SILVA, Alberto da Costa - A manilha e o limbambo -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002 – Capitulo o Benin e o Delta do Níger

SILVA, Vagner Gonçalves – Candomblé e umbanda: Caminhos da devoção brasileira – 2.ed. São Paulo: Selo Negro, 2005

VAINFAS, Ronaldo, SOUZA, Juliana Beatriz – Brasil de Todos os Santos – 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

VERGER, Pierre Fatumbi - Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo - São Paulo: Corrupios, 1981

VISENTINI, Paulo Fagundes, TEIXEIRA, Luiz Dario, DANILEVICZ, Ana Lucia - Breve história da África-Porto Alegre: Leitura XXI, 2007

WEHLING, Arno, Formação do Brasil Colônia. 4ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.